

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 1334

Data: 04.05.80 Pg.: \_\_\_\_\_

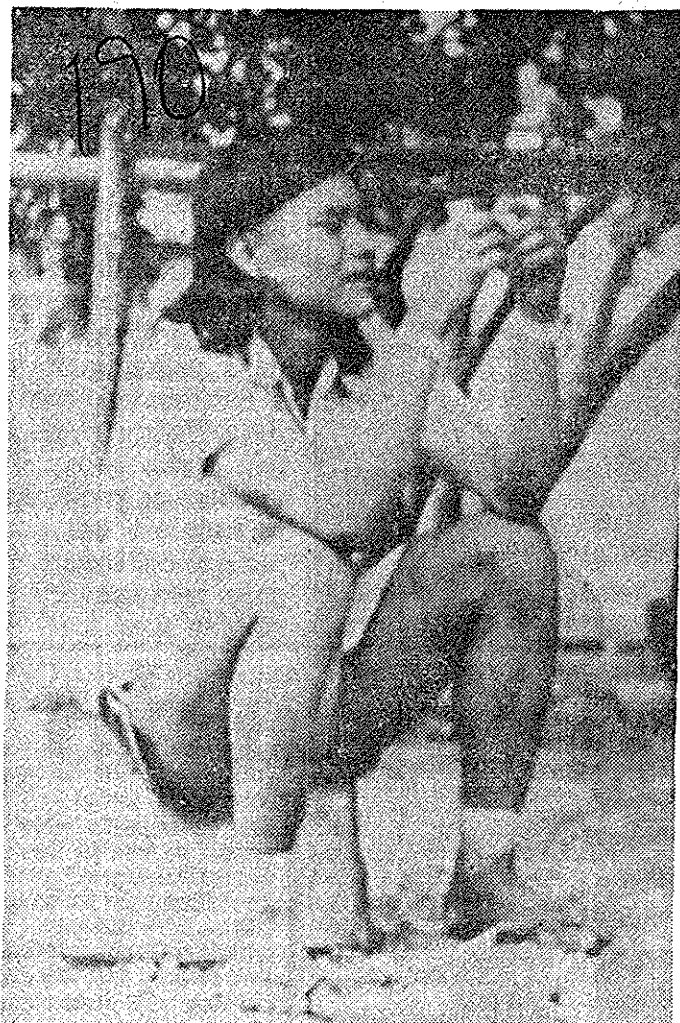


Foto Antônio Carlos Moura - Telefoto Estado

Em dois dias, os índios demarcaram a reserva

# Os xavantes protegem sertanista

ANTÔNIO CARLOS MOURA  
(enviado especial)

O sertanista Odenir Pinto de Oliveira, chefe da Ajudância da Funai em Barra do Garças, que deu cobertura aos índios xavantes na recente demarcação da área de Pimentel Barbosa, já teve mais de uma vez a cabeça posta a prêmio pelos fazendeiros da região, os quais lhe atribuem a responsabilidade pela criação da reserva de Parabure, em dezembro do ano passado, que desapropriou três dezenas de propriedades rurais, entre elas a fazenda Xavantina.

Mal visto igualmente pelos políticos de Barra do Garças e municípios vizinhos, Odenir está agora ameaçado de exoneração pelo presidente da Funai, coronel José Carlos Nobre da Veiga, que quarta-feira ordenou-lhe por rádio que se retirasse da área de Pimentel Barbosa.

No mesmo dia, um avião da Funai desceu em Pimentel Barbosa com cinco agentes da Polícia Federal, que só não levaram o sertanista para Barra do Garças ou Brasília por causa da presença — segundo interpretação dos xavantes — de alguns jornalistas e de um pouco amistoso grupo de índios postado ao lado dele. Quinta-feira Odenir

viajou de carro para Barra, onde até ontem se encontrava despachando na sede da Ajudância, sob a permanente vigilância de um grupo voluntário de guarda-costas xavantes, preocupados com a segurança daquele que consideram "o melhor amigo".

Nascido e criado entre os xavantes, Odenir fala a língua indígena e, mais do que isso, conhece a fundo os sentimentos e aspirações da tribo. Assim, quando ele e outros sertanistas e antropólogos defendiam a criação da reserva da Parabure, estavam absolutamente conscientes de que os xavantes do vale do Rio Couto Magalhães não descansariam enquanto não recuperassem a terra de onde tinham sido expulsos, em 1957, por um grupo de americanos e portugueses que dizimaram as florescentes aldeias da região com a distribuição de cereais envenenados e roupas contaminadas pelo vírus do sarampo.

Da mesma forma, a participação de Odenir — e também do chefe do posto de Pimentel Barbosa, Fernando Schiavini de Castro — na abertura da picada demarcatória desta reserva não foi acidental. Quando a reserva foi criada em 9 de março de 1979, por um decreto

do presidente Geisel, ambos se alegraram, com os xavantes, pelo que parecia ser a reparação de injustiças praticadas pela própria Funai, cujos funcionários, José Valdério Lopes, Laia Mattar Rodrigues, Getúlio Barros Barreto e Ronaldo Quirino, foram responsáveis, segundo apurou um inquérito instaurado pelo Ministério do Interior, pela adulteração de mapas que resultaram numa delimitação fraudulenta da área.

Mas o entusiasmo durou pouco. O mapa da nova reserva, bastante ampliado, não foi mostrado aos xavantes nem aos sertanistas da área. E, quando uma equipe do IBGE chegou a Pimentel Barbosa para fazer a demarcação, os xavantes foram impedidos de acompanhar o trabalho. Logo depois, os índios perceberam que a picada demarcatória que o IBGE estava fazendo não atendia às exigências da tribo, deixando de fora dois cemitérios xavantes. Eles não tiveram dúvidas: expulsaram topógrafos e outros técnicos, e recomeçaram as peregrinações a Brasília, reivindicando a ampliação da área. Esta englobaria mais seis fazendas, não muito grandes para os padrões da região, mas estrategicamente importantes porque, pelo me-

nos três, pertenciam a inimigos declarados dos xavantes: Diogo Nunes, João Nobrega — o João do Fumo — e o próprio José Valério Lopes que, após promover as falcaturas nos mapas da Funai, deixou de trabalhar no órgão e passou administrar a fazenda que adquirira na região.

Odenir e Fernando Schiavini entraram em contato diversas vezes com o presidente da Funai, pessoalmente e por meio de mensagem de rádio, explicando que os xavantes, após a colheita de arroz, em abril, estavam dispostos a atacar as seis fazendas caso a reserva não fosse ampliada por novo decreto.

No Dia do Índio, 19 de abril, Odenir chegou a Pimentel Barbosa em tempo de convencer o cacique Warodl a desistir do ataque às fazendas. Mas o chefe dos xavantes de Pimentel Barbosa resolveu, mesmo assim, convocar os caciques de outras aldeias para, todos juntos, ocuparem, sem violência mas de fato, a área pretendida. E, entre os dias 28 e 30 de abril, 50 xavantes estenderam a divisa Norte da reserva até a BR-158 (Barra do Garças-São Félix do Araguaia), que passaria a ser o limite Oeste, deixando dentro da área indígena os fazendeiros

poupados pelo decreto presidencial de março de 1979.

Em Barra do Garças, enquanto isso, políticos e fazendeiros intensificavam as críticas à Funai, mais concretamente aos sertanistas da Funai, já que o presidente do órgão, segundo opinião corrente na sede do município, não parecia disposto a ceder à pressão dos Xavantes. E, se depender de apoio da população de Barra do Garças, o coronel Nobre da Veiga pode estar sossegado. Como se sabe, foi ali que o tribunal do júri absolveu por unanimidade, há cerca de um ano, o fazendeiro João Marques de Oliveira, o João Mineiro, que comandou o ataque à aldeia bororo no vizinho município de General Carneiro. O fato, ocorrido em julho de 1978, ficou conhecido como a Chacina de Meruri, porque foram mortos o padre salesiano Rodolfo Lunkenbein e o índio Simão Cristino, além de saírem feridos mais quatro bororos e de ter morrido um dos 62 atacantes chefiados por João Mineiro. A absolvição do fazendeiro foi comemorada em toda a cidade, onde, hoje, a palavra de ordem corrente é "abaixo a Funai, que expropria de quem produz", numa clara referência às ampliações de reservas indígenas que têm atingido várias fazendas.